ANAIS
IV EURO ELECS
2021

ARTIGO

MÃOS À OBRA ZABELÊ – PROJETO PARTICIPATIVO PARA UMA COMUNIDADE SUSTENTÁVEL E RESILIENTE

SILVA, Luis Octavio P. L. de Faria e
(lifariaesilva@gmail.com)
Escola da Cidade, Brasil

DE GOUVEA, Julia Carvalho Dias
(julia.gouvea@cja.ufsb.edu.br)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Brasil

TUPINAMBÁ, Yakuy
(yakuy.indiosonline@gmail.com)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Brasil

TUPINAMBÁ, Potyratê
(Potyrate@gmail.com)
Coletivo Levanta Zabelê, Brasil

PALAVRAS-CHAVE:

Arquitetura de baixo Impacto, Comunidades Sustentáveis, Cultura Regenerativa, Projeto Participativo, Sustentabilidade

RESUMO

O Projeto Mãos à Obra Zabelê foi elaborado para atender a uma demanda real apresentada pelo Coletivo Levanta Zabelê, formado por uma rede de apoiadores de variadas origens, culturas e áreas do conhecimento para a realização do projeto do espaço do Universo Autônomo Intercultural dos Saberes Útero Amotara Zabelê (UAIZ), que consiste em uma escola filosófica dos povos originários, idealizada por Yakuy Tupinambá, cuja primeira sede será em Una-BA (sul do Território Tupinambá) em função de ali ser área essencial em termos simbólicos e de sustentação para a etnia naquela terra ancestral. O Projeto Mãos à Obra Zabelê foi criado com o objetivo de realizar uma assessoria técnica participativa, integrando saberes acadêmicos e saberes tradicionais, para elaboração de projeto arquitetônico sustentável para o conjunto das edificações da UAIZ, que incluem aquelas que servirão de ponto de apoio para a população Tupinambá e para pessoas ligadas à comunidade em situação de vulnerabilidade por conta do impacto da COVID-19. O Projeto visa trazer a dimensão pedagógica na interação da comunidade local com a comunidade acadêmica, ao integrar ensino, extensão e pesquisa. Com metodologia qualitativa, o projeto é baseado na escuta e os métodos utilizados nas diferentes etapas são a Etnografia Afetiva e a Pesquisa-ação. Trata-se, assim, de uma assessoria técnica para elaboração de Projeto Arquitetônico que tem como princípio proporcionar aprendizados e transformação socioambiental a partir da troca de saberes, tanto para a comunidade local como para a comunidade acadêmica. A etapa preliminar do projeto já foi realizada, o resultado foi avaliado como satisfatório pela comunidade tradicional e acadêmica, de modo que após a submissão deste resumo serão iniciadas as oficinas participativas com os construtores da comunidade.

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVAS

O projeto Mãos à Obra Zabelê, aqui apresentado, é o que aglutina os participantes do grupo de pesquisadores ativistas nele envolvidos - sua missão é a de mediar a busca por uma expressão da materialidade, ou seja, da arquitetura que reflita o movimento decolonial na conceituação do UAIZ, que se pode associar ao que Alberto Costa coloca quando defende que 'sem negar os elementos positivos da ciência e da tecnologia, há que se compreender o que representam os elementos fundacionais das ideias ainda dominantes de progresso e civilização: ideias que amamentaram o desenvolvimento, convertendo-o em uma ferramenta neocolonial e imperial' (ACOSTA, 2016, p.58) - a perspectiva, então, é a de trabalhar em outra chave, empreender a procura por uma alternativa criativa, que vá, assim, ao encontro de demandas face à crise do Antropoceno, termo utilizado por Latour (2020) para se referir à condição atual em que o planeta se vê sufocado por processos acelerados de transformação que resultam na perda de equilíbrio dos ecossistemas em nome de um projeto humano que se insiste desconectado dos ciclos naturais.

A expectativa é a de encontrar, na chave dessa necessária mudança de rumo, a arquitetura apropriada para o *Universo Autônomo Intercultural dos Saberes Útero Amotara Zabelê (UAIZ),* idealizado por Yakuy Tupinambá, anciã Indígena da Comunidade Olhos D'água (local onde foi realizada a caminhada em Memória dos Mártires do Massacre do Rio Cururupe), que tem como princípios: fomentar a troca de saberes, promover a reconexão com a Terra e fortalecer o processo de cuidado, em consonância com a perspectiva de decolonização que se coloca, afastando-se da ideia de que 'brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo' por que haveria 'uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível' (KRENAK, 2019, p.7). A ideia é, a partir da compreensão de saberes de diversas culturas, a de recuperar uma relação de cuidado com a Terra, com os seres que dela fazem parte e com as relações, princípios básicos da Permacultura (MOLLINSON, 1988). Evoca-se, assim, a defesa de Boff no sentido de que devemos recuperar o cuidado como atitude básica: 'Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exaltação exacerbada da violência' (BOFF, 1999, p.227). Entende-se que essa dimensão do cuidado é ainda praticada por aqueles que não estão descolados do organismo que é a Terra, aqueles 'que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta [...] caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes' (KRENAK, 2019, p.11), em cujos saberes o UAIZ coloca a luz, na medida em que estes são exemplares como alternativas preciosas na revisão da maneira com que tem sido tratado o planeta.

Para atender a essa demanda, o Coletivo Levanta Zabelê buscou apoio técnico para elaboração de um projeto arquitetônico a partir do entendimento indígena, no qual o meio ambiente não pode sofrer qualquer tipo de agressão. Nesse sentido, a busca foi por uma equipe de arquitetura que entendesse a cosmovisão indígena, na qual a natureza é entendida como mãe terra: no modo de vida do ser indigena, aprende-se com a natureza e assim deveria ser o projeto de arquitetura, ou seja, projetado *para* a natureza, que respeitasse e dialogasse com a natureza. Assim, o

projeto Mãos à Obra Zabelê foi criado e também, já de saída, sua perspectiva era a de que se constituísse uma assessoria técnica participativa. No processo participativo decorrente, a meta é a de um projeto arquitetônico para os edifícios da *Aldeia Zabelê,* primeira etapa do UAIZ voltada para a consolidação de um espaço de acolhida para membros e convidados da comunidade, na perspectiva de implantação preliminar de tecnologias sustentáveis, suporte para a Aldeia e para o conjunto como um todo.

Com objetivo de garantir o apoio no atendimento à demanda da comunidade, no início de 2020 iniciou-se diálogo para elaboração de Projeto de Extensão envolvendo três Instituições: o Coletivo Levanta Zabelê, a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e a Escola da Cidade, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - esta última através da Plataforma Arquitetura e Biosfera, que desenvolve relevante atividade junto a comunidades indígenas em diversas regiões do Brasil.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Em 2015, Yakuy Tupinambá (de Olivença - BA) idealizou o UAIZ junto com indígenas das etnias Payaya (norte da Bahia), Guarani (MS, SP, MA e RO), Pataxó (extremo sul da Bahia) e com pessoas não indígenas; em 2018 formou o Coletivo Levanta Zabelê; em Junho de 2019 Yakuy Tupinambá e seu companheiro se mudaram para a área da Lagoa do Mabaça, local onde se pretende a implementação do Projeto e em 2020 iniciou-se a formalização do Coletivo, presidido por Potyratê Tupinambá, Advogada, Professora e membro da Comunidade Itapoã.

A expectativa é a de que o UAIZ tenha no futuro várias sedes - a primeira delas, em função da ação encabeçada por Yacuy Tupinambá, está localizada na Comunidade Lagoa do Mabaça, no Município de Una-BA, parte do Território Indígena do Povo Tupinambá em processo de demarcação. Este Território como um todo é composto por 23 Comunidades, com 15 Caciques, sendo duas mulheres, espalhadas pelos municípios de Ilhéus, Una e Buerarema - na maioria com conflitos, tensão e violência. Dentro do território, localizado às margens do Rio da Maré, rio que desagua junto à foz do Rio Una, o terreno da Comunidade Lagoa do Mabaça no qual a primeira sede do UAIZ está em processo de instalação, de aproximadamente 60 hectares, é composto por áreas de mangue, restinga e mata atlântica, com pouca intervenção antrópica. Ao longo do século XX a área foi habitada por algumas famílias Indígenas Tupinambá, ficando alguns períodos sem moradores. O terreno da Comunidade Lagoa do Mabaça, por ser uma ocupação tradicional e não uma área de retomada, está sob posse da família de Yakuy Tupinambá e no âmbito do Cacicado de Maria Valdelice Tupinambá.

Embora a área tenha sido habitada por muitos anos, a única construção e a infraestrutura que restaram no local foram: a edificação da antiga escola, que hoje serve como local de moradia, e um cais que atravessa o mangue e leva ao rio, onde se realiza pesca artesanal para subsistência. A edificação existente apresenta patologias construtivas, com risco de desabamento, sendo assim se faz extremamente necessária a implementação na área de estruturas adequadas para receber membros das comunidades tupinambá e aderentes ao projeto - este, assim, se justifica,

além da necessidade de estruturas seguras no terreno, na medida em que é experiência enraizada na intenção de troca de saberes e cuidados com o planeta e com as relações, algo imprescindível no momento de crise socioambiental que, para ser enfrentada, entende-se que todo ensaio é bem vindo na busca caminhos possíveis. Ideias e procedimentos de Ian McHarg já nos anos 1960 têm servido de parâmetros e inspiração para a observação e investigação propositiva em curso - segundo aquele autor, devemos evitar 'visões exclusivamente centradas no homem, para iniciar a consideração de valores básicos e focar particularmente no lugar da natureza no mundo do homem - o lugar do homem na natureza' (MCHARG, 1992, p.43) e há, assim, que garantir que 'a sociedade proteja os valores dos processos naturais e seja ela própria protegida' (MCHARG, 1992, p.56).

1.2 O PROJETO

Diante da Pandemia do COVID-19, muitas famílias indígenas foram impactadas e se encontram em situação de vulnerabilidade Social. Ao longo de 2020 diversas pessoas buscaram a Comunidade Lagoa do Mabaça para abrigo e/ou segurança alimentar. Com acesso ao mangue e ao mar, o local tem muita oferta de frutos do mar e pode oferecer alimentos a essas famílias, no entanto não pôde abrigar famílias em situação de vulnerabilidade que o procuraram, por falta de infraestrutura. Diante deste cenário, o programa de necessidades idealizado inicialmente pelo Coletivo Levanta Zabelê quanto ao UAIZ foi readequado para atender a realidade colocada pela Pandemia. Assim surgiu a proposta para Aldeia Zabelê, local para acolhimento e fortalecimento cultural, complementar ao programa de ensino já esboçado anteriormente. Desta forma, no âmbito das investigações propositivas quanto à arquitetura, tem sido pensado o espaço previsto para o UAIZ, que será composto por duas centralidades: a *Aldeia Zabelê,* com edifícios para moradia da Comunidade local e de Aldeias Indígenas impactadas pela Pandemia da COVID-19, e posteriormente será projetada a *Escola Filosófica*, composta por edifícios de ensino, pesquisa e hospedagem de visitantes.

O Projeto Mãos à Obra Zabelê, ao avançar na materialização das estruturas necessárias e demandadas (e como estratégia de apoio à empreitada), aprofunda algo intrínseco à proposta do UAIZ na medida em que visa integrar Ensino, Pesquisa e Extensão. Começou a ser idealizado no início de 2020 - então, pretendia-se realizar uma série de oficinas participativas e mutirões presenciais envolvendo estudantes e a comunidade local. Devido às circunstâncias colocadas pela Pandemia do COVID-19, o projeto precisou ser reestruturado pelas instituições envolvidas, sempre entendido como parte das atividades do núcleo de arquitetura do Coletivo Levanta Zabelê. O Projeto foi cadastrado junto à Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) como projeto de extensão com o nome *Mãos à Obra Zabelê*. Mesmo diante do cenário da Pandemia, as atividades de ensino envolvendo o Projeto para a Comunidade Lagoa do Mabaça continuaram de modo remoto. Também seguiu ativo em formato remoto o grupo de trabalho e pesquisa (GTP) Universo dos Saberes, que opera junto à Plataforma Arquitetura e Biosfera, acolhida pela Escola da Cidade, no âmbito do qual se promoveram ensaios de projetos para editais e na perspectiva de avançar com o diálogo para consolidar o projeto para o ambien-

te construído do UAIZ. Como colaboradores, estiveram envolvidos em diferentes etapas do processo os profissionais: Bacurau Tupinambá, Taquari Pataxó e Otoniel Alves Da Silva, Marcella Arruda, Nayane Alves, Pedro Praia, Rosa Rasuk, Gabriel Granado, Allyne Braulio da Costa.

O Projeto Mão à Obra Zabelê está alinhado com os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os objetivos com os quais o projeto dialoga diretamente são: ODS 6: Água Potável e Saneamento (em função de pesquisa de sistemas de tratamento das águas cinzas e soluções para o banheiro seco visando - meta 6.2), ODS 7: Energia Limpa e Acessível (previstas soluções de implantação de energia renovável na Aldeia Zabelê), ODS 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis (apoio para que a comunidade tenha acesso a habitação segura, com serviços básicos, com manejo ecológico dos resíduos sólidos, ressignificados como recursos, em uma aprendizagem viva - em que se aprende fazendo), ODS 12: consumo e produção sustentável (previstos sistemas de produção de alimentos, manejo florestal e de compostagem).

2. OBJETIVOS

Oferecer de forma participativa, integrando saberes acadêmicos e saberes tradicionais, assessoria técnica para elaboração de projeto arquitetônico sustentável para o conjunto das edificações do UAIZ que também servirão de ponto de apoio para a população Tupinambá e comunidades tradicionais do entorno, para o Coletivo Levanta Zabelê e para vítimas de violência doméstica.

Trazer a dimensão pedagógica na interação da comunidade local com a comunidade acadêmica, ao integrar ensino, extensão e pesquisa.

3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A equipe formada para a etapa de elaboração do projeto Mãos à Obra Zabelê foi composta por membros da Comunidade Indígena Tupinambá e de comunidades tradicionais do entorno, colaboradores do Coletivo Levanta Zabelê, professores e estudantes da UFSB e professores da Escola da Cidade. Houve diversos encontros de diálogo entre todos os membros e um intenso processo de escuta entre a comunidade local e a comunidade acadêmica em atividades de ensino e extensão.

Têm sido utilizadas, assim, metodologias qualitativas tais como: Etnografia Afetiva, utilizada presencialmente com membros da Comunidade local e em oficinas participativas presenciais, com os construtores da Comunidade, e Pesquisa-ação, utilizada pela equipe executora de modo remoto ao longo das diversas etapas do projeto.

A Etnografia afetiva visa compreender os processos do dia-a-dia e fortalecer os vínculos entre as pessoas. Nesta abordagem é fundamental o respeito, a escuta coletiva (para resgate, recriação e ressignificação), a atitude de tranquilidade, a co-

ragem e o pensamento/ação com viés crítico e criativo. A pesquisa-ação é utilizada para compreender as demandas e os saberes locais e propor, via assistência técnica, soluções construtivas e ambientais que visem o aprimoramento das práticas já realizadas na comunidade.



Figura 1. Registro da discussão realizada de forma remota sobre croquis da Aldeia Zabelê.

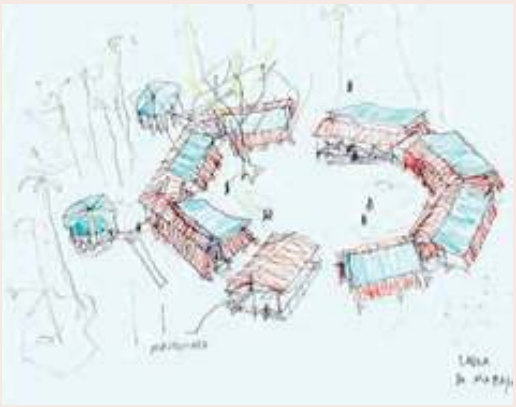


Figura 2. Perspectiva do Estudo Premilinar de Arquitetura

Parte central dos procedimentos utilizados, os encontros virtuais utilizaram a plataforma digital Google Meet e ferramentas audiovisuais para trabalho colaborativo, como o aplicativo do Google *JamBoard,* que permitiu a realização de croquis, desenhos e estudos entre duas ou mais pessoas de forma remota, conforme ilustrado na figura 1.



Figura 3. Atividade de Campo. **Crédito:** Nayane Alves



Figura 4. Atividade de Campo para o estudo da implantação da Aldeia Zabelê

Outro procedimento básico, atividades de campo participativas foram realizadas em três ocasiões: primeiramente foi realizado o reconhecimento do terreno e o mapeamento das áreas alagáveis, em seguida um encontro para identificação preliminar dos elementos naturais disponíveis para construção (figura 3) e por fim um encontro para estudar a implantação da Aldeia Zabelê (figura 4). No primeiro encontro foi realizado um mapeamento georreferenciado das áreas de alagamento do terreno e da localização das edificações existentes, utilizando-se o aplicativo para aparelho móvel: Mobile Topographer, com sistema de Coordenadas SIRGAS 2000. Os dados foram exportados para o software Google Earth Pro e para QGIS, e a partir disso foi gerada uma base de trabalho em dwg para os estudos de implan-

tação da Aldeia Zabelê. No segundo encontro foi realizada uma imersão na mata e a identificação de materiais botânicos como: árvores, cipós e palhas. Essa imersão foi filmada e os dados foram planilhados em atividade acadêmica de ensino realizada na UFSB (tabela 1).

código	Nome popular	Tipo	Função	Observações
1	Pindoba	palha	construçao (cobertura e paredes)	inflamavel
2	cipó cabloco	cipó	artesanato e contruçao	
3	cipó do ar	cipó com folhas	medicinal (banho e cha)	
4	aderno	arvore	construçao (esteio e peça)	
5	tiririca dura		construçao (cobertura)	menos inflamavel
6	biriba	arvore	artesanato (vestimenta)	
7	taquara			
8	amescla	arvore	medicinal	
9	Alandi	arvore		árvores que estão caidas
10	Paraju	arvore		
11	cipó verdadeiro	cipó		
12	tala do dendê			trançados

Tabela 1. Catalogação de materiais botânicos para a construção e artesanato. Há ainda espécies a serem acrescentadas, como o Musserengue, que dura muitos anos como estrutura, e é encontrado na região.

As atividades participativas foram realizadas a partir de um roteiro que foi aprimorado, sempre na perspectiva de garantir um processo participativo, e assim se consolidou:

- Abertura dos trabalhos: nesta etapa será incentivado o protagonismo local na co-facilitação do encontro. Será proporcionada uma troca de experiências em roda a partir do saber de cada integrante.
- Vivência para trocas de saberes e validação das ideias elaboradas nas etapas de projeto.
- Momentos de convivência: nestes momentos se aprofunda nos vínculos, desenvolve-se relações de confiança e aproximações reais.
- Encerramento: todo o processo terá um encerramento, com o qual objetiva-se reconhecer os avanços adquiridos com o processo, e sugerir o próximo encontro.
- Processamento do material: após a oficina se faz necessário processar o material e deixá-lo com registros fotográficos e relatórios das atividades realizadas após cada etapa
- Devolutiva da atividade participativa: após toda oficina a comunidade deverá receber um retorno, seja de forma remota, seja na oficina sequencial prevista.

4. RESULTADOS

Alguns resultados até o momento: atividades de troca de saberes acadêmicos e tradicionais, estudos desenvolvidos pelos estudantes da UFSB nas atividades de

ensino[1], investigações propositivas de arquitetura (figuras 2, 6 e 7) para a Aldeia Zabelê, formalização do projeto *Mãos a obra Zabelê* como projeto de Extensão junto a UFSB, consolidação de grupo de trabalho e pesquisa no âmbito da Plataforma Arquitetura e Biosfera, que opera sob a Associação Escola da Cidade, realização de encontros com o Coletivo Levanta Zabelê e com os construtores para a apresentação e trocas de saberes quanto às investigações propositivas no estágio do estudo preliminar de arquitetura para a Aldeia Zabelê, e por fim aprendizados no sentido de uma transformação socioambiental a partir da troca de saberes, tanto para a comunidade local como para comunidade acadêmica.

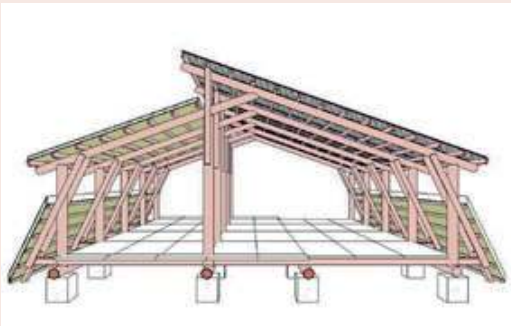


Figura 6. Desenho utilizado na investigação propositivas (no estágio de estudos preliminar) em curso no que se refere a edificação da Aldeia Zabelê



Figura 7. Perspectiva referente a investigações propositivas em curso no que se refere à Aldeia Zabelê

Os procedimentos do processo a serem realizados, via o Projeto de extensão *Mãos a Obra Zabelê,* daqui para diante serão:

- Planejamento das Oficinas: previamente à realização das oficinas haverá uma preparação do seu objetivo específico, procedimentos e resultados esperados.
- Oficina Participativa com os construtores: Serão adotadas dinâmicas participativas no processo de projeto, utilizando como metodologia a Etnografia afetiva. Estas oficinas irão envolver os Construtores e as lideranças do Coletivo Levanta Zabelê.

No encontro 1, será realizado um levantamento quantitativo e qualitativo com os construtores dos materiais disponíveis no local que poderão ser utilizados na construção, será apresentada uma prévia do projeto de arquitetura e será realizada uma maquete física com materiais locais para estudar as técnicas construtivas a serem realizadas.

No encontro 2, será apresentado o resultado dos estudos realizados após o processamento do material do encontro 1. Será realizada a validação do planejamento

1 Na UFSB, em atividade final no Componente Curricular *Ciências Sociais e Meio Ambiente*, ofertado nos cursos de graduação de Engenharia Ambiental e da Sustentabilidade e Engenharia Sanitária e Ambiental (nos quadrimestres: 2020.1 e 2020.3.), foi adotado como objeto de observação analítica e propositiva a Comunidade Lagoa do Mabaça. Lideranças da Comunidade estiveram presentes de modo remoto dialogando com os estudantes e assistiram ambas as apresentações dos trabalhos finais.

ecológico para Implantação do projeto e realizadas oficinas sobre as tecnologias sustentáveis.

No encontro 3, será consolidado o projeto, realizada uma lista dos materiais e ferramentas necessários para a execução da obra e encaminhada a próxima etapa do projeto.

Elaboração do Projeto arquitetônico e o Planejamento ecológico preliminar: Ao longo do processo serão realizados desenhos após as oficinas participativas. Será realizado um desenho final para definir o local de implantação do conjunto arquitetônico considerando as condicionantes ambientais como áreas de alagamento, direções do vento e Insolação. Pesquisa de Tecnologias sustentáveis - Serão realizadas pesquisas a respeito de duas ou mais tecnologias elencadas a seguir: Captação e reúso de água da chuva, banheiro seco, tratamento de águas cinzas, técnicas de bioconstrução com materiais locais, Jardins comestíveis e medicinais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo apresentado tem cumprido com os objetivos propostos ao se aprofundar na troca de saberes, buscando integrar os saberes tradicionais aos acadêmicos, de forma participativa. Atividades foram realizadas predominantemente de forma remota, utilizando ferramentas virtuais para interação síncrona que fortaleceram muito a comunicação e o diálogo. As atividades participativas presenciais, no entanto, embora muito pontuais, foram de extrema relevância para o levantamento de dados, para a compreensão dos processos do dia-a-dia e para o fortalecimento dos vínculos interpessoais. Os resultados do processo até o momento foram avaliados como satisfatórios por todos envolvidos, por terem sido levados em conta propósitos colocados pelo UAIZ. As etapas para conclusão do projeto de arquitetura para a Aldeia Zabelê já estão planejadas pelo núcleo de arquitetura do UIAZ e serão realizadas ao longo dos próximos semestres, tendo como apoio o projeto de extensão *Mãos à Obra Zabelê* junto à UFSB e o grupo que opera junto à Escola da Cidade.

Foram encontrados alguns desafios ao longo da realização do processo aqui descrito. Entre eles, as restrições impostas pela Pandemia do COVID-19 que inviabilizaram as atividades presenciais previstas inicialmente envolvendo estudantes e limitaram muito o contato presencial entre os docentes e a Comunidade local. Outro desafio encontrado foi a ausência de recursos e bolsas para estudantes para possibilitar maior dedicação de tempo das pessoas envolvidas.

O projeto Mãos à Obra Zabelê também busca se alinhar com a proposta da reforma da Universidade proposta por Santos (2017), interrompendo o processo de exclusão social e étnica que inferioriza os conhecimentos de determinados grupos. Nesta linha, a expectativa do grupo envolvido no projeto é que se consiga romper esta barreira entre os saberes acadêmicos e os saberes tradicionais, no caso sobretudo entre a prática de projeto de arquitetura e as práticas construtivas tradicionais. Algumas questões se colocam quanto ao desafio representado pelo projeto aqui descrito: De que forma os saberes se encontram? De que forma eles se integram?

Entende-se que para que se consiga realizar um projeto coletivo, é necessário equilibrar esses saberes. Por fim, defende-se também, para uma condição harmoniosa, que além da espécie humana, todas as formas de vida sejam contempladas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acosta, A. (2016) O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante Editora.

Boff, L. (1999) Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra Petrópolis: Vozes

Krenak, A. (2019) Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras

Latour, B. (2020). Onde aterrar? Como se orientar políticamente no antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo editorial.

McHarg, I. (1992), Design with Nature. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Mollison, B. (1988) Permaculture: designer's manual Maryborough: Tagari

Santos, B. S.; Almeida-Filho, N. (2017) A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez Editora.